

O tema da maioria penal em capas de revistas: articulação entre a análise crítica do discurso (acd) e a multimodalidade

Danúbia Aline Silva Sampaio

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Resumo:

Partindo do pressuposto de que o discurso, importante elemento da prática social, materializa-se por meio dos diferentes gêneros de texto - os quais são multimodais - o presente estudo, baseado na articulação entre os pressupostos da *Análise Crítica do Discurso*, conforme Fairclough (1992, 1995, 2003, 2006, 2010, 2012) e a *Multimodalidade*, conforme Kress e Van Leeuwen (2006) têm como proposta apresentar uma análise inicial de **duas capas de revistas de informação geral**. As revistas selecionadas para a presente pesquisa – *Isto É* e *Carta Capital* - são de circulação nacional, as quais apresentam, na edição selecionada, o tema da maioria penal no Brasil.

Palavras-chave: Análise Crítica do Discurso; Multimodalidade; Capas de Revista.

Introdução

O presente trabalho apresenta suas análises a partir da Análise Crítica do Discurso (ACD) - ora também denominada Análise do Discurso Crítica (ADC) -, considerando essa teoria e método na visão de Fairclough (1992, 1995, 2003, 2006, 2010, 2012), o qual percebe, inicialmente, o discurso como prática social e, a partir do desenvolvimento de suas pesquisas, em 2003 toma o discurso como um dos elementos da prática social.

A Análise Crítica do Discurso se constitui a partir de uma tradição crítica da linguagem, que articula de maneira elaborada, a ciência social crítica e a linguística com uma estrutura analítica e teórica, estabelecendo entre elas um diálogo. Essa abordagem transdisciplinar atribui grande importância à compreensão da linguagem em relação à vida social. Estudos em ACD analisam criticamente a relação entre a linguagem, o poder, a dominação e a desigualdade, em suas diversas formas de manifestação, sejam da mais explícita a mais velada, por meio de textos.

Para a ACD de Fairclough, em todos os níveis da vida social, desde aqueles mais fixos (**estruturas sociais**), àqueles mais flexíveis (**eventos sociais**), passando pelo nível intermediário (**práticas sociais**), a linguagem está sempre presente. Por meio dessa perspectiva teórica, as *estruturas sociais*, apesar de mais rígidas e relativamente fixas, são passíveis de transformações e mudanças. Assim, as *estruturas sociais* interferem e condicionam os diferentes *eventos sociais*, os quais, por sua vez, também vão proporcionar modificações nas estruturas, por meio da intermediação realizada pelas diferentes *práticas sociais* (FAIRCLOUGH, 2003).

A partir desse ponto de vista, Fairclough apresenta três focos analíticos no estudo crítico da linguagem: o **sistema semiótico** (nível mais fixo), o **texto** (nível mais flexível - uma reportagem de revista, por exemplo) e a **prática discursiva** (nível intermediário), a qual compreende as **ordens do discurso**, ou seja, o **gênero**, o **discurso** e o **estilo**.

Nessa perspectiva, as **práticas discursivas** se constituem pelas **práticas do agir** (*gênero* – significado acional), pelas **práticas do representar** (*discurso* – significado representacional) e pelas **práticas do identificar** (*estilo* – significado identificacional).

A ACD considera que os textos que circulam socialmente apresentam um papel fundamental na busca de se compreender as diferentes relações entre os vários grupos sociais, a forma como esses grupos representam o mundo e a maneira como a identidade desses grupos é apresentada e construída na e pela linguagem. Os textos são aqueles que, de forma muito rica e diversificada, irão oferecer “pistas” para a compreensão das práticas sociais estudadas pelo analista.

A partir desse mesmo ponto de vista, Trajano (2013, p. 25), retomando a premissa de que o discurso define-se como o “uso da linguagem na forma de prática social, modo de ação e de representação, de prática de significação”, aponta que o discurso se materializa por meio dos diferentes gêneros de texto, os quais, segundo Fairclough (2003a), configuram-se como formas diferentes de ação e interação entre pessoas e grupos sociais.

Assim, é por meio da análise dos diferentes gêneros que circulam e funcionam socialmente – as propagandas, os anúncios publicitários, as notícias, reportagens, artigos de opinião, capas de revistas, dentre tantos outros – que o pesquisador analisa, criticamente, a relação entre a



linguagem e a sociedade, a partir de suas várias formas de manifestação, nas mais diversas situações comunicativas.

Considerando, portanto, a relevância dos gêneros textuais enquanto maneiras distintas de ação e interação, é fundamental destacar o caráter multimodal que todos eles apresentam. Em cada gênero de texto, situado em um determinado contexto de interação, são exploradas diferentes linguagens, ou diferentes *modos semióticos*, tais como a escrita, a imagem, a cor, o som, dentre outros. Uma vez que cada um desses modos exerce um papel importante para a construção de sentidos, é de grande relevância que os diferentes gêneros sejam analisados por meio de uma abordagem multimodal.

Partindo do pressuposto de que o discurso, importante elemento da prática social, materializa-se por meio dos diferentes gêneros - os quais são multimodais - o presente estudo, baseado na articulação entre os pressupostos - brevemente elencados acima - da Análise Crítica do Discurso, conforme Fairclough (1992, 1995, 2003, 2006, 2010, 2012) e a Multimodalidade, conforme Kress e Van Leeuwen (2006), tem como proposta apresentar uma análise inicial de duas capas de revistas de informação geral que circulam em todo país, as quais apresentam, na edição selecionada, o tema da maioridade penal no Brasil.

Metodologia

Conforme já anunciado anteriormente, de acordo com a abordagem da Multimodalidade (KRESS, 2003, 2008; KRESS; VAN LEEUWEN, 2001, 2006), quando se unem diferentes *linguagens* ou *modos semióticos* se alcança a melhor forma de comunicar aquilo que se deseja. Uma vez que cada um desses modos exerce uma determinada função no processo de construção de sentidos, ao se pesquisar as formas de comunicação utilizadas, se determinada análise se prender a apenas um modo semiótico, como à escrita ou à fala, por exemplo, chega-se a um significado parcial, incompleto. Isso porque cada modo, a partir de suas peculiaridades e recursos, gera um significado diferente que, associado aos outros, constrói e amplia a rede de sentidos dos diferentes gêneros multimodais.

Dessa forma, na busca de se realizar uma articulação entre a Análise Crítica do Discurso e a Multimodalidade, no presente estudo, inicialmente, as duas capas de revistas serão analisadas por meio de uma perspectiva multimodal, ou seja, serão consideradas as diferentes linguagens ali materializadas. Analisadas as características multimodais dos textos selecionados, busca-se apresentar e discutir a articulação desses aspectos com a *interdiscursividade*, uma categoria linguístico-discursiva de análise textual, proposta por Fairclough (2003a).

Constituição e caracterização do corpus

As capas de revistas selecionadas para análise correspondem à capa da Revista *Isto é*, edição 2.267, de 01 de maio de 2013 e da Revista *Carta Capital*, edição 812, de 08 de agosto de 2014.

As duas revistas, acima apontadas, foram escolhidas uma vez que são de circulação nacional e apresentam um número expressivo de leitores – segundo o Instituto Verificador de Comunicação (IVC) e a Associação Nacional de Editores de Revistas (ANER), *Veja*, *Época*, *Isto É* e *Carta Capital*, organizadas nessa ordem segundo seu número de circulação, são as revistas de informação de referência no Brasil. Além disso, essas revistas se organizam a partir de temáticas diversas, relacionadas às questões atuais que se encontram em discussão na sociedade – como é o caso de tema da maioria penal –, além do fato de serem grandes formadoras de opinião.

Também chamada de “espelho” da edição, o gênero *capa de revista* reflete o mais importante que será publicado na edição de determinada revista. De acordo com Heberle (2004, p. 91), “a capa funciona como uma das mais importantes propagandas da revista”. A partir desse ponto de vista, por meio da articulação de modos semióticos diferentes, sua principal intenção comunicativa é atrair o leitor para si mesmo e, por conseguinte, para o conteúdo desenvolvido no interior da revista. É importante destacar ainda que este é um gênero que apresenta significativo “poder” em influenciar seus interlocutores.

Resultados e Discussão

Como já apontado anteriormente, as duas capas de revista escolhidas abordam o tema da maioria penal no Brasil, as quais, a partir de seus diferentes modos semióticos ou diferentes linguagens – imagens, cores e escrita – assumem um posicionamento a favor ou contra a redução da maioria penal de 18 para 16 anos.

No presente estudo será possível observar que a percepção do posicionamento de cada capa a favor ou contra a redução da maioria penal se constitui por meio dos vários aspectos multimodais desse gênero, assim como por meio dos vários discursos que se mesclam e configuram esses textos em análise. Assim, é importante enfatizar que será feita, anteriormente, uma análise das características multimodais, conforme proposto por Kress e Van Leeuwen (2006), buscando estabelecer o diálogo desses aspectos com a *interdiscursividade* presente nas duas capas.

Primeiro será apresentada a capa da **Revista Isto É** e em seguida a capa da **Revista Carta Capital**. As duas capas em análise estão reproduzidas a seguir:



A capa da *Isto É*

O processo de construção de sentido tanto na capa da revista *Isto É* quanto na capa da revista *Carta Capital* é construído de maneira elaborada e complexa. Na capa da *Isto É*, muitos são os aspectos que podem ser discutidos a partir da imagem do garoto, ou participante representado; a capa explora, de forma interessante, as diferentes tonalidades de cores; além disso, a imagem e o texto escrito estão extremamente conectados e articulados.

Partindo do ponto de vista da *metafunção interpessoal* - “o poder da imagem”, conforme Kress e Van Leeuwen (2006) -, no que diz respeito à *dimensão do olhar*, a imagem do garoto é uma *imagem de demanda*, já que o participante representado olha diretamente para o leitor, relacionando-se com este de maneira direta e pessoal.

Identifica-se na figura um participante que requer algo do leitor: há uma relação “imaginária” entre eles, que, neste caso, caracteriza-se mais como uma relação de dominação. Quando o olhar é desse modo direcionado na imagem, o participante demanda que seu leitor faça algo, fazendo-lhe quase que um “convite” para se aproximar ou para se distanciar, por exemplo.

Em relação à *dimensão do enquadramento*, há aqui uma imagem captada a uma distância menor, o que intensifica a relação entre esse participante e o leitor, os quais estão, conseqüentemente, mais próximos.

A partir da *dimensão da perspectiva*, visto por meio de um ângulo vertical, o garoto olha de cima para baixo, o que lhe atribui “poder” em relação ao leitor. É interessante observar também a expressão presente no rosto do garoto, a qual se caracteriza como uma expressão segura, uma expressão de quem se impõe, de quem intimida o outro – posteriormente, tendo em vista a análise da imagem como um todo, outras características serão apresentadas e discutidas, as quais irão corroborar com a ideia de um adolescente que, de fato, estabelece com o leitor uma relação de poder, de dominação e, até mesmo, de intimidação. Visto por meio de um ângulo

horizontal, há uma relação de empatia com o leitor, uma vez que o participante representado está praticamente de frente.

Em relação aos *critérios de modalidade*, a imagem do garoto apresenta um grau significativo de detalhamento, em que se identifica claramente as roupas utilizadas pelo garoto, o skate em sua mão esquerda e a arma em sua mão direita.

Há ausência de detalhes no fundo, de forma que o participante representado é colocado à frente de um fundo azul. Sobre este fundo, é interessante observar que, direcionando-se da esquerda para a direita, passa-se de um azul mais escuro para um azul mais claro, mais iluminado. Na parte superior direita da revista há uma predominância do branco, representado como uma espécie de “foco de luz”, uma tonalidade mais clara e iluminada em comparação com o azul escuro da parte esquerda. Essa mudança de uma tonalidade escura - esquerda - para uma tonalidade mais clara - direita -, bastante marcada na parte superior da revista, também pode ser observada na mudança da cor marrom presente na blusa de frio usada pelo garoto na imagem.

Essa variação de tonalidade das cores no fundo estabelece uma relação de sentido bastante significativa com o conteúdo do texto verbal presente na capa: “Maioridade penal aos 16 anos? Eles votam para presidente, agora podem até mudar de sexo, mas são tratados como crianças quando cometem crimes bárbaros. Está na hora de o Brasil enfrentar de vez essa questão”. É possível que a parte azul mais escura, presente no lado esquerdo da capa – parte que representa a informação dada, já conhecida pelo leitor – relaciona-se com a ideia de que o assunto sobre a “maioridade penal aos 16 anos” não está em um momento de discussão, as questões que envolvem esta polêmica não estão sendo esclarecidas. A cor azul escuro pode remeter ao fato de que esse tema ainda está, de certa forma, “oculto”, “obscuro”, uma vez que “o Brasil ainda não enfrentou de vez essa questão”.

Enquanto isso, o lado direito com as cores azul e marrom em tons mais claros – parte que representa a informação nova, a informação que será realizada a partir da informação dada - aponta para o momento em que essa polêmica é colocada em discussão, de forma que as questões que a envolvem deixam de ser ignoradas, deixam de ser obscuras e, visto que são “colocadas na mesa” para serem discutidas e definidas, tornam-se mais “claras”, mais “vistas aos olhos de todos”.

Para apontar o fato de que há um determinado momento em que as autoridades políticas brasileiras decidem “enfrentar de vez” a polêmica que envolve os adolescentes, na parte superior do lado direito da capa é nitidamente identificada uma espécie de luz branca. Essa luz branca, unida ao texto escrito, tem papel fundamental na construção dos sentidos: o assunto sobre a maioridade penal está sob um “foco de luz”, já que este representa o momento em que



as autoridades brasileiras colocam essa polêmica em pauta. Assim, a cor branca, a “luz” aponta para o “enfrentamento da questão”, para esse importante período em que a polêmica é tratada e esclarecida no contexto brasileiro.

A *metafunção textual* é aquela que se dedica à análise dos diferentes arranjos composicionais, a partir dos quais se constroem e se efetivam os vários sentidos no texto, nas diversas situações comunicativas. Observando a totalidade da capa de revista, a partir da perspectiva dessa metafunção, por meio do sistema *valor da informação* pode-se, *verticalmente*, traçar uma linha imaginária a partir do espaço entre as duas porções de texto presentes na parte superior, possibilitando a análise do lado *esquerdo e direito*.

Considerando as “linhas imaginárias” acima traçadas, na *esquerda* - espaço da informação dada -, encontra-se a parte em que a mão do garoto segura um skate; já na direita - espaço da informação nova -, encontra-se a parte em que a mão do garoto segura uma arma.

Inicialmente, a figura do skate no espaço da informação dada pode remeter o leitor ao discurso da infantilidade, da imaturidade, do “lado mais juvenil” que ainda se faz presente em um adolescente de 16 anos, discurso este já conhecido e compartilhado com o grupo de leitores. O skate, a partir desse ponto de vista, poderia, até mesmo, representar o “brinquedo”, a “brincadeira” com a qual, apesar de ser um adolescente, o garoto ainda se envolve, ainda se vê “atraído” por ela. Em contrapartida, a figura da arma no espaço da informação nova pode remeter o leitor ao discurso dos crimes praticados por esse mesmo adolescente, o qual agora já não se mostra como aquele que “brinca” e se diverte, mas como aquele que é violento, agressivo e pode, inclusive, matar.

Nessa perspectiva, a informação dada seria a realidade de um adolescente que “brinca”, que se “diverte” como qualquer jovem de sua idade e a informação nova seria a realidade de que esse mesmo adolescente pode ser também um criminoso, alguém que pode, até mesmo, cometer assassinatos.

No entanto, ainda que o lado esquerdo da imagem por meio da figura do skate possa se constituir pelo discurso - já conhecido pelo leitor - de que o adolescente, em seu processo de transição entre a fase juvenil e a fase adulta, mantém traços próprios de sua juventude, pode-se questionar, por exemplo, por que a capa de revista apresenta um *skate* e não outro qualquer objeto de entretenimento, como uma bicicleta, uma bola de futebol ou mesmo algo tão comum entre os adolescentes, como o videogame, por exemplo.

Como afirmam os próprios autores Kress e Van Leeuwen e tantos outros pesquisadores e estudiosos das imagens, é fundamental considerar que, longe de serem meras ilustrações, “as imagens têm poder” e, portanto, estão “carregadas”, “preenchidas” por ideias e sentidos que os

usuários da língua lhe atribuem por meio de escolhas orientadas por intenções comunicativas diversas e inseridas nos diferentes contextos.

Dessa forma, pode-se dizer que a escolha pela figura do skate não foi uma escolha aleatória, uma escolha vazia de sentidos e intenções. O skate, considerado um esporte radical, foi inventado por volta da década de 1960, entre surfistas da Califórnia, nos Estados Unidos, os quais almejavam “surf” nas ruas da cidade de Los Angeles. Na década de 1970, surge um grupo muito famoso de skatistas, os quais foram denominados “Z-boys”, muito conhecidos pela sua criatividade, irreverência e ousadia ao “surf” pelas ruas da cidade de Santa Mônica.

É interessante observar que os jovens desse grupo, considerados pelos skatistas de todos os tempos como aqueles responsáveis pela criação de manobras famosas e radicais, são identificados como garotos de classe social não favorecida, que invadiam casas, passavam horas descendo e subindo paredes e só deixavam o local invadido quando os donos dos imóveis e/ou a polícia os expulsavam.

Assim, ao se pesquisar a origem do skate, percebe-se que esse objeto de entretenimento – e também de trabalho, como no caso dos skatistas profissionais – têm origem entre um grupo de jovens identificados socialmente como “jovens rebeldes”, como jovens “transgressores” de normas sociais, como jovens que, de alguma forma, representam um grupo mal visto, mal querido pelas pessoas em geral.

É provável que todo esse discurso que envolve essa origem do skate, essa identificação dada aos skatistas – a qual também não é vazia de intenções -, além dessa característica de ser um esporte mais radical, mais comum entre aqueles que são ousados e que se expõem ao risco auxiliem àqueles que desejam alimentar e promover esse estereótipo pejorativo, o qual, na maioria das vezes, é (re) produzido e legitimado por meio de um senso comum.

Rampazzo (2012) realizou uma pesquisa etnográfica entre jovens praticantes de skate em um bairro da cidade de Porto Alegre/RS. A partir desse contexto urbano, o pesquisador acompanhou o cotidiano dos jovens na pista de skate, buscando compreender os desdobramentos da relação desse esporte como prática no lazer desses jovens com outros aspectos de seu cotidiano, como a família, a educação e o trabalho. O autor faz uma interessante consideração acerca dos rótulos recebidos pelos jovens skatistas:

Na pesquisa bibliográfica (...) encontrei pouco consenso entre os autores das inúmeras vertentes teóricas que circunscrevem o debate sobre os jovens. Contudo, fui alertado pelos pesquisadores e pelos produtores das obras que consultei para este trabalho, sobre a necessidade de me desvencilhar do entendimento acerca dos jovens e da juventude a partir de imagens e descrições estereotipadas, que, recorrentemente, são sustentadas pelo senso

comum. Em vista disso, me esforcei para não me vincular aos estereótipos, que, por vezes, classificavam os jovens como marginais, rebeldes (sem causa), vagabundos, entre outros. Esses rótulos, ou estereótipos, acabam por ser imposições de fora, e pouco refletem, ou traduzem os significados que os jovens têm sobre si mesmos. (RAMPAZZO, 2012, p. 11)

Diante de todas essas considerações, é possível avaliar, portanto, que a revista, ao tratar da polêmica da maioridade penal, escolheu, de certa forma, associar a figura do garoto – aquele que representa os adolescentes de 16 anos – a um discurso que se constrói em torno da ideia estereotipada de um jovem rebelde, transgressor das normas de convivência social. Retomando a ideia de que o lado esquerdo, segundo a GDV, constitui-se como o espaço da informação dada, já compartilhada entre os leitores, a revista, para caracterizar e identificar esse adolescente, parte desse mesmo “discurso de condenação” acima descrito e discutido.

Por sua vez, retomando o *lado direito* da imagem - parte em que a outra mão do garoto segura uma arma – tem-se uma possível representação dos crimes cometidos por esse adolescente. Assim, a informação nova apresentada ao leitor é o fato de que esse mesmo adolescente que pratica skate, rotulado como “marginal” e “rebelde” – conforme estereótipo já compartilhado com o leitor – é também o jovem que pratica violência, que manuseia uma arma, que pratica crimes.

Para corroborar essa associação feita na capa da revista entre o jovem “rebelde” que pratica skate (lado esquerdo) e o jovem criminoso (lado direito), está a escolha da roupa, em especial da blusa de frio com capuz, utilizada pelo participante representado. A própria cor, a blusa com mangas longas e, principalmente, a presença do capuz “escondem”, “ocultam” a figura do garoto, de forma que seu rosto e cabelo não estão completamente à mostra na imagem. Essa escolha de assim representar o adolescente aponta não para o discurso de um jovem adolescente imaturo, inseguro e que, como ainda mantém alguns traços infantis, também se diverte, mas para o discurso de um adolescente praticamente adulto que, de alguma forma, procura se ocultar, se esconder frente aos crimes que pratica.

Ao serem unidas (a) a ideia de “poder” dado ao adolescente que olha para o leitor de cima para baixo; (b) as características presentes na expressão de seu rosto; (c) o rótulo de um jovem rebelde e transgressor das normas sociais - reproduzido por meio do estereótipo relacionado à figura do skate -; (d) a presença da arma na mão direita – arma que, inclusive, está em primeiro plano em relação à figura do skate; (e) as características das roupas utilizadas pelo garoto e (f) o próprio conteúdo presente nas porções de texto - em especial na porção de texto “*eles votam para presidente, agora podem até mudar de sexo, mas são tratados como crianças quando cometem crimes bárbaros*” - fica claro que a capa, como um todo, está muito mais voltada, direcionada para o discurso de um adolescente que não é a vítima, mas o culpado, o responsável

pelos atos que comete. A capa da *Isto É* não aponta para o adolescente como um indivíduo em desenvolvimento, como um ser imaturo em transição para a fase adulta, mas sim como um jovem “senhor de si”, cômico dos crimes que pratica e de suas respectivas consequências.

Diante de todas as considerações acima acerca da imagem do garoto, acerca das características do fundo da revista e sobre a articulação desses dois modos semióticos com o texto escrito, percebe-se que há na capa da *Isto É* a constituição e configuração de um discurso que defende claramente a redução da maioria penal, direcionando o leitor a assumir esse mesmo ponto de vista.

A capa da *Carta Capital*

Na *Carta Capital*, diferentemente do que acontece na *Isto É*, os participantes representados na imagem – a figura do policial e do adolescente – não estão olhando diretamente para o leitor, não estabelecendo com este um contato direto, pessoal. Temos, neste caso, um “olhar de oferta”, de maneira que os participantes representados na imagem são ali expostos para a observação, para a “contemplação” do leitor.

Para corroborar com a ideia de uma relação mais impessoal entre os participantes representados na *Carta Capital* e o grupo de leitores, está o fato de que tanto o policial quanto o adolescente estão posicionados na imagem a partir de um plano médio, estabelecendo com o leitor não um vínculo mais próximo, mas um vínculo apenas social. Além disso, é interessante observar que o adolescente não está virado de frente na imagem – como o que acontece com o adolescente representado na capa analisada anteriormente – e o policial está, inclusive, de costas.

Outro aspecto interessante a ser discutido é que aqui não há – como ocorre na capa da *Isto É* – uma relação de poder, de dominação ou intimidação do adolescente em relação àquele que lê o texto: participantes representados e leitor estão postos no nível do olhar, expressando, assim, uma “igualdade de poder” entre eles.

No entanto, é interessante observar que dentro da própria imagem essa relação de poder e dominação se estabelecem: o adolescente, sem camisa e de chinelos, está posicionado quase que de joelhos no chão, enquanto que o policial está posicionado em pé, evidenciando o “poder” deste último em relação ao garoto. Na imagem é possível perceber que o policial, armado, quase que arrasta o adolescente pela rua, puxando-o, de forma brusca, por meio da pouca roupa. O garoto, por sua vez, tenta se apoiar no chão, direcionando seu corpo na direção contrário a que é levado. Além disso, nessa perspectiva de poder e dominação, é importante destacar as expressões faciais do adolescente, as quais apontam para um sentimento de intimidação, medo e desespero.



A imagem acima apontada preenche toda a parte central da capa, ocupando, portanto, uma posição de destaque, bastante visível para o leitor. Logo abaixo da imagem, há outro elemento em saliência na capa: a expressão “Bode Expiatório”. Tal expressão aparece no texto com uma fonte muito maior que o restante do texto, além de aparecer na cor branca, contrastando com a cor preta do fundo da capa.

O termo “Bode Expiatório” retoma, no processo de construção de sentidos na capa, um interessante aspecto do discurso religioso. Essa expressão tem sua origem nos rituais religiosos do povo hebreu após sua libertação, liderada por Moisés, da escravidão egípcia, conforme relatado na Bíblia, capítulo 16 do livro de Levítico, no Velho Testamento. De acordo com o calendário religioso dos judeus, o povo deveria preparar-se para o “Dia da Expição”, em que o Santuário e toda a comunidade eram purificados de seus pecados.

No chamado Dia da Expição, encontrado no livro bíblico de Levítico, os hebreus organizavam uma série de rituais que pretendiam purificar a sua nação. Para tanto, organizavam um ato religioso que contava com a participação de dois bodes. Em sorteio, um deles era sacrificado junto com um touro e seu sangue marcava as paredes do templo. O outro bode era transformado em “bode expiatório” e, por isso, tinha a função ritual de carregar todos os pecados da comunidade. Nesse instante, um sacerdote levava as mãos até a cabeça do animal inocente para que ele carregasse simbolicamente os pecados da população. Depois disso, era abandonado no deserto para que os males e a influência dos demônios ficassem bem distantes. (SOUZA, 2015)

Esse era, portanto, um dia de extrema importância religiosa, uma vez que todos teriam seus pecados “expiados”, ou seja, todos os judeus seriam remidos, libertados da carga que seus pecados lhes impunham por meio de um bode inocente que, simbolicamente, “carregaria”, por todos, toda a culpa.

Na capa da *Carta Capital*, logo abaixo da expressão “bode expiatório”, encontramos o seguinte período: “Quase 90% dos brasileiros defendem a redução da maioria penal, e como sempre não percebem as causas reais da insegurança”. É possível perceber que a construção de sentidos na capa se constitui por meio de uma clara conexão entre a imagem apresentada, o termo “bode expiatório” – considerando todo o discurso religioso que o envolve - e o referido fragmento de texto.

Posicionando-se contra a redução da maioria penal, a Revista *Carta Capital* constrói a imagem de um adolescente que, segundo o discurso que organiza, seria o próprio “bode expiatório” da sociedade brasileira. Nessa perspectiva, o grupo de adolescente que a sociedade tanto deseja ver punido - por meio da redução da maioria penal -, na verdade, não constitui, de fato, a “causa real da insegurança nacional”. Diferentemente do que acontece na capa da *Isto*

É, o adolescente, aqui, não é o “cruel e perigoso criminoso”, o “real responsável”, o adolescente cômico e intimidador, mas é o adolescente que, segundo o discurso construído pela revista, está, equivocadamente, “carregando” uma culpa que não é sua.

Considerações Finais

Por meio da associação e diálogo entre a análise dos aspectos multimodais e a análise dos diferentes discursos que se mesclam através das capas, é possível reconhecer, claramente, que cada revista, inserida nas diversas práticas sociais em que funcionam e circulam, defende um determinado ponto de vista em relação ao tema da maioridade penal. Na busca de influenciar seus leitores e formar opiniões, as capas (re)produzem e legitimam diferentes discursos que são selecionados e organizados de forma a fomentar seu próprio posicionamento.

O gênero de texto “capa de revista”, a partir de seus diferentes modos semióticos, mostra-se como uma maneira relevante e eficiente de ação e interação entre os vários grupos sociais, entrecruzando discursos, legitimando estereótipos e apontando relações de poder que se constroem implicitamente tanto por meio do texto escrito quanto por meio das imagens escolhidas para representar.

Referências

FAIRCLOUGH, N. (1989). **Language and power**. London: Longman.

_____. (1992). **Discourse and social change**. Cambridge: Polite Press.

_____. (1995). **Discourse analysis** : The Critical Study of Language. England: Pearson.

_____. (2003). Analysing discourse. **Textual analysis for social research**. London: Routledge.

_____. (2006). **Language and globalization**. London, New York: Routledge

HEBERLE, V. M. (2004). **Revistas para mulheres no século 21**: ainda uma prática discursiva de consolidação ou de renovação de idéias? Linguagem em (Dis)curso, Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão: Ed. Unisul, v.4, n.esp, p. 85-112.

KRESS, G. R. (1997). **Visual and verbal modes of representation in electronically mediated communication**: the potentials of new forms of text in I. Snyder (ed.) Page to Screen, London: Routledge.

_____. (2003). **Literacy in the new media age**. London/NY: Routledge.

_____. (2008). **Genres and the multimodal production of Scientificness**. In: JEWITT, C.; KRESS, G. (Ed.). *Multimodal literacy*. New York: Peter Lang, 2008. p. 173-186.



_____; VAN LEEUWEN, T. (2001). **Multimodal discourse**: the modes and media of contemporary communication. London: Hodder Arnold.

_____. (2006). **Reading images**: the grammar of visual design. London/NY: Routledge.

NASCIMENTO, F. S.; BEZERRA, F. A. S.; HEBERLE, V. M. (2011). **Multiletramentos**: iniciação à análise de imagens. *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v. 14, n. 2, p. 529-552.

SOUSA, Rainer Gonçalves. "**Bode Expiatório**"; *Brasil Escola*. Disponível em <<http://www.brasilecola.com/curiosidades/bode-expiatorio.htm>>. Acesso em 02 de novembro de 2015.